

Processo official do monumento prehistorico do Monte da Pena (Torres Vedras)

Tem-se referido a imprensa nestes menses mais proximos a um monumento prehistorico descoberto no Monte da Pena, junto do lugar do Barro, arredores de Torres Vedras. O *Diario de Noticias*, que tem sido o jornal que com mais desenvolvimento se tem occupado d'este assunto, chegou a publicar em zincographia uma vista da camara e corredor da construcção e o retrato do seu descobridor, que foi o Rev.^{do} P.^o Paulo Bovier Lapierre. Este illustre ecclesiastico, que temporariamente se achava convalescendo no collegio congreganista do Barro, tendo em um dos seus passeios suspeitado de umas pedras que rompiam o carrascal no referido monte, a S. de um monumento commemorativo da Immaculada Conceição que se ergue no alto do cabeço, e tendo por desobstrucções posteriores podido confirmar a suspeita de que se tratava de umas ruinas prehistoricas, communicou o acontecimento em carta ao Sr. Director do Museu Ethnologico Português.

O Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos, que estava em vespervas de partir para a sua viagem ao Egipto, deixou o caso recommendado ao official do mesmo estabelecimento que, por urgencias de trabalhos na séde do Museu, só se pôde dirigir a Torres Vedras no dia 28 de Abril, dando no dia seguinte começo á exploração archeologica das ruinas em proveito do Museu.

O relatorio da exploração será opportunamente publicado no *Archeologo Português*, trabalhando nelle o Rev.^{do} Bovier-Lapierre, agora ausente na Siria.

Entretanto preciso se torna archivar, no orgão do Museu Ethnologico Português, os documentos officiaes motivados mais ou menos directamente pelo referido monumento, e publicados já em parte no *Diario de Noticias*, por iniciativa do Sr. correspondente d'este jornal em Torres Vedras.

O 1.^o documento é a carta dirigida ao digno administrador do concelho, Sr. Augusto Pinheiro da Silva, pelo official do Museu Ethnologico Português, nos principios de maio. D'ella transcrevemos o principal.

I.—«III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.—O Museu Ethnologico Português, instituição do Estado, com sede no edificio dos Jeronymos, em Belem, fez na semana transacta a exploração de importantissimo monumento pre-

historico, situado no Monte da Pena, proximo do Collegio do Barro, do concelho de Torres Vedras. O monumento não é unico em Portugal, mas talvez possa ser unico se eu conseguir a sua conservação, e é digno d'isso pela sua natureza e pela alta antiguidade que o legou. Era um monumento funerario imponente e grandioso, embora fosse destruido em parte e saqueado tambem na antiguidade. Era uma vasta cupula de alvenaria, com o respectivo corredor de entrada e provavelmente montão de terra por cima de tudo, de maneira que tomava o aspecto de um outeirinho. É na Grecia primitiva que se encontram construcções identicas do sec. XII a XI antes de Christo. Se a memoria me não a traiçoa neste momento, Micenas era a cidade em cujas ruínas appareceram mausoleus de igual estilo. Tudo isto, e pouco é, digo eu a V. Ex.^a para lhe mostrar o valor do monumento explorado e particularmente o apreço que lhe deve ser dado pelos filhos d'essa terra, porque aquelle edificio é um vestigio palpavel dos seus mais remotos ascendentes.

O monumento foi explorado e desobstruido em grande parte e está situado numa nesga de terra que dois proprietarios querem chamar sua, embora sem disputa violenta. O meu pensamento é conseguir fazer uma vedação, que defenda tão valiosa ruina dos vandalismos da gente do campo.

O Museu Ethnologico tem, pelo decreto de 29 de Dezembro de 1901, e nos terrenos publicos, direitos e garantias que no caso presente facilitariam o nosso intuito; trata-se porém de um terreno particular e nestas condições as autoridades podem abster-se de qualquer interferencia.

Succede, porém, que o terreno é aberto e já no passado domingo uns selvagens quaesquer, sem sombra de necessidade, se entretiveram a deslocar um cunhal, quebrando-o bem como outra pedra. A continuar assim, dentro de pouco nada existirá do grande monumento, e será destruido antes que os habitantes de Torres o possam admirar; e eu bem desejava que as pessoas illustradas e ciosas d'essa villa conhecessem um vestigio prehistorico dos seus antepassados mais longinquos. Creio bem que tomariam a peito a conservação d'esta veneranda reliquia.

Ora, que pedia eu a V. Ex.^a?

Appello para a sua illustração e patriotismo. Seria possivel, embora não seja legal, aconselhar o regedor da freguesia respectiva a que intimide os habitantes, para que não commettam vandalismos naquellas ruínas? Informam-me que é nos domingos que esses actos se praticam. O monumento não nos pertence, é certo, mas foi pelo Estado

reconhecido e explorado, ficando para o Museu, que do Estado é, os objectos lá encontrados.

É uma dor de alma ver derruir os monumentos da nossa antiguidade, mas esse que é pouco commum, e é de uma antiguidade muito respeitavel, bem merecia que se tornasse uma das curiosidades a visitar no concelho de Torres Vedras».

Na correspondencia, publicada no *Diario de Noticias* de 13 de Maio de 1909, vem referida a visita que o solicito administrador do concelho, acompanhado de outras pessoas, fez ás ruínas do monumento e ao gabinete de estudo do P.^o Lapierre, bem como as acertadas resoluções que aquella esclarecida autoridade tomou immediatamente para salvar o monumento. Este procedimento motivou o seguinte officio em 1 de Junho:

II.— Cumprindo uma promessa particularmente feita, tenho a honra de dirigir a V. Ex.^a o presente officio, em que, na qualidade de representante do Museu Ethnologico Português, por estar ausente no estrangeiro o Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos, illustre Director d'esta instituição, tributo a V. Ex.^a os mais vivos agradecimentos pela solicitude com que se houve a respeito do monumento prehistorico do Monte da Pena, do concelho de Torres Vedras.

Na falta de lei protectora para o caso particular que se dava, e dada a necessidade de evitar degradação no referido monumento que este Museu acabava de explorar, lembrei-me de appellar para o criterio e patriotismo de V. Ex.^a e para o seu prestigio pessoal, com a esperanza de conseguir o respeito para aquella valiosa antigualha; e devo reconhecer, que em tão boa hora o fiz, que as providencias por V. Ex.^a adoptadas, aliás dentro das suas attribuições, teem sido manifestamente efficazes.

Este estado de cousas, porém, não póde considerar-se definitivo, e urge interessar no assunto outras entidades, com a acquiescencia dos proprietarios confinantes do terreno em que o monumento assenta, acquiescencia da qual, segundo espero, não poderá duvidar-se, attenta a prontidão com que obtive licença para a exploração e o desinteresse pelo espolio archeologico obtido. Oxalá os successos futuros contribuam todos para a conservação d'este monumento arcaico da nossa civilização, valioso debaixo de todos os [pontos de vista e particularmente estimavel para o concelho] em que appareceu. Num prazo que não será longo, terá de ser publicado o relatorio da exploração, acompanhado de plantas [topographicas e de photogravuras, não só do proprio monumento, como das antigualhas nelle recolhidas.

Essa publicação effectuar-se-ha n-*O Archeologo Português*, órgão do Museu Ethnologico Português, podendo obter-se com reduzido dispendio uma nova tiragem em folheto separado para maior divulgação da importancia d'este achado archeologico.—Em 1 de Junho de 1909.—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Administrador de Torres Vedras: Augusto Pinheiro da Silva.—*Felix Alves Pereira*.

Seguiu-se a isto a reunião da Camara Municipal de Torres Vedras, a qual, segundo o summario publicado no *Diario de Noticias* de 14 de Maio, se congratulou pelo achado prehistorico e resolveu enviar ao Museu Ethnologico Português o seguinte officio:

III.—Da Camara Municipal de Torres Vedras.—Em conformidade do resolvido em sessão de 13 do mês findo, venho rogar a V. Ex.^a o seu valimento a fim de não ser destruido ou damnificado o monumento prehistorico descoberto no monte junto ao lugar do Barro e proximo a esta villa e a que a imprensa largamente se tem referido. Não permitindo os recursos financeiros d'este municipio cuidar da vedação e mais trabalhos necessarios á defesa de tal monumento, espera a Camara que V. Ex.^a, junto do Governo, se esforçará para que ao abandono e destruição não seja lançado tão raro como curioso achado, certo que nesta municipalidade V. Ex.^a encontrará todo o apoio compativel com as suas attribuições e recursos monetarios.—Torres Vedras, 4 de Junho de 1909.—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Director do Museu Ethnologico Português.

Em 26 do mesmo mês uma correspondencia de Torres Vedras, publicada já no referido jornal, appellava para o Sr. Ministro das Obras Publicas, pedindo a S. Ex.^a que tomasse as necessarias providencias para que o monumento prehistorico do Monte da Pena fosse nacional. E alem d'isto transcrevia uma carta do consagrado archeologo, Sr. Dr. A. dos Santos Rocha, que tambem havia visitado o monumento, carta que aqui reeditamos:

IV.—«Pedem-me umas notas sobre o monumento do Barro, nas vizinhanças de Torres Vedras, descoberto pelo Ex.^{mo} Sr. P.^o Bovier Lapierre, sabio professor de medicina em Beyrouth (Syria), actualmente residente no Collegio do Barro. Mas como o assunto pertença ás revistas da especialidade, onde será tratado proficientemente pelo autor da descoberta, e eu não deva prejudicar a originalidade d'esse trabalho, só posso dar aqui noticia do meu juizo pessoal sobre o monumento, tal como elle appareceu á vista de todos os assistentes,

quando, autorizado pelo Ex.^{mo} Sr. P.^e Bovier Lapiere, ali fiz a primeira sondagem.

O monumento é circular, com o diametro de 6 metros aproximadamente, feito com muro de grossa alvenaria sêca, tendo vestigios de cobertura com uma abobada de silhares divergentes.

Esta abobada é de origem pre-mycenica; e encontra-se nas Cyclades, em sepulturas do principio da idade do cobre. Depois foi largamente usada na idade de bronze mediterranea, até ao fim da epoca mycenica, ahi pelo sec. XI antes de Christo, quando sobreveio a invasão dorica na Grecia, que trouxe o ferro ás ilhas do Mediterraneo.

Assim, o monumento do Barro deve ser do fim da idade da pedra e começo do cobre (epoca cuprolithica), e talvez continuasse a ser utilizada até a idade do bronze, conforme a opinião que modestamente emitti perante os assistentes á minha sondagem.

Este typo de monumento não é inteiramente novo em Portugal.

Carlos Ribeiro descobriu um, com abobada semelhante, na Serra de Cintra. Estacio da Veiga diz ter descoberto outros em Alcalar (Algarve) em que a abobada de silhares divergentes era feita com placas de schisto; mas eu já estudei Alcalar, e não confio na indicação.

O que é novo no monumento do Barro é a brutalidade da construcção. Vasta e feita de grandes pedras, quando inteira, devia ser um dos mais imponentes monumentos prehistoricos de Portugal. — *Antonio Santos Rocha*.

No *Diario de Noticias* de 27, ainda do mesmo mês, publicava-se novo officio do official do Museu Ethnologico, officio em que se agradeciam as providencias tomadas, se applaudia o procedimento da Camara Municipal e faziam considerações acêrca da conservação do monumento. Transcrevemos parte d'esse documento:

V.—«Em primeiro logar compete-me agradecer a V. Ex.^a o empenho que mostrou na conservação do monumento, com as prontas providencias adoptadas, e para que estes serviços não fiquem limitados a correspondencia particular eu tomei a honra de dirigir um officio a V. Ex.^a»

Li no *Diario de Noticias* que a Camara Municipal se interessou pela descoberta. Este caso novo e sobremaneira honroso deixou-me em plena admiração pelo illustrado criterio dos dignos vereadores. É tão raro ver as municipalidades occuparem-se de successos d'esta natureza, que o meu espanto bem se justifica.

Parece-me pouco exequivel a ideia de confiar ao Estado a conservação e defesa do monumento. A vigilancia exercida por entidades

mais directamente interessadas no assunto, e mais proximamente instaladas, afigura-se-me verdadeiramente efficaz.

Ora as vereações de Torres são precisamente essas entidades. Ser-lhes-ha mais facil entrar em combinações amigaveis com os dois proprietarios confinantes e conservar ou assegurar indefinidamente as condições de vigilancia.

Os proprios visitantes do monumento mais rapida e efficazmente previniriam as entidades locaes de qualquer depredação do que as estações centraes mais afastadas e menos interessadas.

Sendo assim, como vejo que a illustre municipalidade tenciona enviar ao Museu Ethnologico um officio congratulatorio pela descoberta, eu aproveitarei a occasião, se ella não se demorar muito, para dizer algumas palavras mais acêrca do monumento e solicitar a interferencia directa da Camara na aquisição d'elle, que será talvez graciosa, e sobretudo pedir-lhe que se resolva a fazer por sua conta a vedação com grade de ferro, unica que permittirá a vista e a defesa do ossuario prehistorico simultaneamente». — (a) *Felix Alves Pereira*.

A Camara de Torres Vedras reunia-se em 11 de Junho e occupava-se novamente do monumento, resolvendo adquirir o terreno em que jaziam as suas notaveis ruinas (*Diario de Noticias* de 13 de Junho de 1909, que juntava uma vista do monumento e um retrato do seu modesto descobridor).

Nesta altura, o official do Museu Ethnologico Português enviava ao Sr. Commendador Antonio Agostinho da Silva Henriques, digno Presidente da Camara Municipal de Torres Vedras, o seguinte officio demonstrativo da importancia do monumento da Pena.

VI.—«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.—O officio com que V. Ex.^a me honrou, em data de 4 de Junho corrente, veio encontrar-me ainda na interinidade das funcções de director do Museu Ethnologico Português, pela ausencia do Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos, meu mestre e amigo. Cabia-me portanto a honra de responder a V. Ex.^a, tanto mais que de mim partiu o primeiro appello, ás dignas autoridades locaes d'essa villa, para a conservação do grande monumento prehistorico do Monte da Pena, em seguida á visita que effectuei ao local, e á exploração methodica a que o Museu Ethnologico procedeu com assistencia de um seu empregado.

Convida-me V. Ex.^a a que, em nome do mesmo Museu, procure conseguir do Governo de Sua Majestade as obras necessarias para se impedirem efficazmente quaesquer depredações futuras em tão importante reliquia prehistorica, assegurando-se por este meio á sua preservação.

Declaro a V. Ex.^a que esquecerei a insignificancia do meu valimento nas estações officiaes, para apoiar com a melhor vontade os desejos d'essa illustre vereação.

E posso dizer que cada vez estou mais convicto da absoluta necessidade de resguardar para sempre um monumento d'aquella especie, embora em ruina parcial.

Mas, ganha a causa de V. Ex.^a e ganha a minha, que a mesma é, em juntar ao meu modesto voto o de alguém que, pelo seu prestigio scientifico e pela sua dedicação archeologica, virá trazer duplicado peso ás solicitações d'essa esclarecida Camara e á proposta que o Museu haja de fazer debaixo da mesma orientação. Refiro-me ao sabio director d'este estabelecimento, o Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos, nome que representa nestes assuntos uma autoridade indiscutida. S. Ex.^a, que em breves dias regressa de uma viagem de estudo no estrangeiro, deve sentir grande satisfação em visitar pessoalmente o monumento da Pena; e, concorrendo a circumstancia de estar feita a sua exploração e desobstruidos os seus compartimentos, melhor admirará o estado de relativa conservação em que elle se encontra. Não duvido sequer de que S. Ex.^a confirmará a sua excepcional importancia ethnologica.

Já em carta e officio que dirigi ao illustrado Administrador do concelho de Torres Vedras, a quem se deve a energica e pronta intervenção que até hoje tem sido toda a salvaguarda do monumento, com segura honra para S. Ex.^a, eu expus summariamente algumas das considerações que pleiteavam em pró da conservação d'aquella magnifica antiqualha.

Achando-se confiada ao Rev.^{do} P.^o Paulo Bovier Lapierre, descobridor do monumento, a descrição das explorações que ali promovi e o estudo não só da construcção em si, como do espolio archeologico, não posso entrar em determinadas minudencias, porque desejo respeitar a prioridade d'aquelle illustrado ecclesiastico.

Não obstante, cumpre-me concretizar no presente officio os fundamentos do meu voto, aliás insignificativo, a favor da conservação do monumento prehistorico da Pena; é um aspecto do mesmo assunto, mas de ordem por assim dizer patriotica e social, separavel do estudo intimo e scientifico das ruinas em si.

Em tão resumidas palavras, quanto possivel for, procurarei compendiá-las.

*

Este monumento, de sua natura funereo, pertence a uma classe de construcções prehistoricas, de que em Portugal teem sido explorados

alguns raros especimes, mas que os nossos paleoethnologos condignamente apreciam.

Já as dimensões do monumento da Pena o collocam em lugar primacial. Só a sua rotunda ou camara central mede 6 metros de diametro; ora os monumentos identicos a este já explorados e já destruidos são: 1.º, o nomeado pelo ordinal 7.º na necropole prehistorica de Alcalar, no Algarve, com 3 metros de diametro no correspondente compartimento; 2.º, o do valle de S. Martinho, em Cintra, encontrado apenas com parte da rotunda que media 4^m,20 de diametro e explorado pelo Sr. Maximiano Apollinario, em serviço do Museu Ethnologico; 3.º, o de Monge, em Cintra, que aliás era apenas semelhante na planta da cripta, e estudado pelo fallecido Carlos Ribeiro, media no diametro alludido 4^m,5; 4.º, emfim, prescindindo de uma singularidade notavel do monumento n.º 9.º de Alcalar tambem, este mesmo monumento explorado pelo eminente archeologo da Figueira da Foz, o Sr. Dr. Santos Rocha, que diz ter elle apenas 3 metros de diametro na camara mortuaria.

Nenhum d'estes monumentos existe; existe o da Pena, embora sem cupula, que devia ter protegido a rotunda central, nem as lages que cobririam o corredor de accesso.

No estado de conservação, porém, em que se encontra o ossuario prehistorico de Torres Vedras, é monumento unico em Portugal.

É certo que estas construcções das eras prehistoricas tem sido encontradas em varios outros pontos da Europa occidental, como a Bretanha, Escocia, Inglaterra, Hespanha e ainda na Italia, mas não deixam de ser muito raros e importantes pela sua especial significação, como vou mostrar rapidamente.

E é este, para minha desvaliosa opinião, o merito capital do tumulo da Pena e a razão basilar, em virtude da qual eu penso que se devem fazer todos os sacrificios, empregar todos os esforços para que tal reliquia não seja victima do mais insignificante vandalismo e possa ser reputada como monumento verdadeiramente nacional.

Permitta-me pois V. Ex.^a mais algumas palavras, apesar da extensão inconveniente que este escrito já leva.

*

O nosso monumento tem principalmente um valor «chronologico» e um valor «ethnologico».

Nada mais difficil, mas ao mesmo tempo nada mais necessario do que estabelecer uma chronologia naquelles afastados e obscuros tempos

prehistoricos; isto é, estranhos a toda a documentação escrita coeva, ou mesmo á simples referencia de antigos historiadores ou geographos. A antiguidade de um monumento é a mais pronta e natural inquirição do nosso espirito deante d'elle.

Este valor chronologico (refiro-me ao que se chama chronologia absoluta) tem para a paleoethnologia portuguesa, em que os estudos d'esta especie estão por fazer, á mingua de elementos, uma importancia verdadeiramente peculiar.

Já noutro documento eu tinha tocado esse ponto, e se d'elle novamente me occupo é porque, como nenhum outro, deixa resaltar o apreço em que deve ser tida a veneranda ruina da Pena.

Em alguns pontos da Grecia antiga foram encontrados e explorados no seculo XIX singulares e opulentos sepulcros, de remota antiguidade, que, alem do vestigio de rico espolio, apresentavam uma architectura caracteristica e imponente.

Foi em Micenas que esses monumentos attingiram dimensões grandiosas e que foram primeiramente estudados por Schliemann, um archeologo allemão, exemplo incomparavel de dedicação scientifica. Effectivamente, aquella circumstancia e a semelhança dos achados em outras localidades fez com que a civilização, que construiu e decorou estes edificios, se chamasse micenica ou micenense.

Não foi, pois, sómente na velha cidade da Argolida e proximidades que este typo de sepulcros se revelou, debaixo do alvião de Schliemann, de Stamatakis, etc.

Na Laconia, na Attica e na Beocia surgiram tambem, á voz de madame Schliemann, de Tsundas e outros, mais construcções funebres do mesmo systema architectural; isto é, repartidas em tres recintos, um vestibulo, um corredor e uma cupula suspensa sobre uma camara circular e constituida por fiadas de silhares horizontalmente collocados como anéis, successivamente de menor diametro, desde o envasamento até o fecho.

Esta civilização, hoje muito bem estudada, não limitou comtudo a sua influencia ás costas e ilhas do mar Egeu, e nisso está o que d'ella nos interessa grandemente.

Quanto á sua antiguidade, os estudos de chronologia comparada d'essa civilização chegaram a permittir que se lhe assignassem os annos de 1450 ou 1500 antes de Christo a 1100 ou 1000; como o periodo que limitava o seu maior desenvolvimento e a sua decadencia.

É certo que depois d'isso, prodigiosos trabalhos de exploração archeologica executados na ilha de Creta por Evans, um inglês e por outros que se lhe seguiram, revelaram ao mundo scientifico que aquella

civilização era já filha de outra anterior, não menos brilhante, nem menos magnificente, que attingia, no recuar dos tempos, o seculo XL (40) antes de Christo! E já agora, sob pena de me alargar mais do que é licito, deixe-me V. Ex.^a notar que os palacios de Cnossos e de Phestos (Creta), de que subsistem os envasamentos e as amplas escadarias, ultrapassam em grandiosidade todas as construcções da nossa civilização, e a ceramica artistica é de uma elegancia de forma e sobretudo de uma gracilidade de ornamentação colorida, que hoje, a tantos mil annos de distancia e separação, apenas se tenta imitá-la com os productos de que se chama arte nova ou moderno estilo.

E para que a homogeneidade d'esta civilização fosse bem accentuada ainda debaixo do nosso ponto de observação, os tumulos de cupula de Micenas tinham analogos em Cnossos. O monumento de Clitemnestra, explorado por madame Schliemann, era perfeitamente identico ao de Isopata, descoberto por Evans, em Creta.

Estas poderosas civilizações conheciam industrialmente apenas o bronze, alem dos metaes preciosos; eram epochas anteriores ao uso do ferro.

A planta e o processo constructivo do grande monumento da Pena e dos outros monumentos portuguezes de identica architectura, acima inventariados, demonstram inludivelmente uma irrecusavel influencia dos constructores micenences sobre os nossos antepassados, influencia correspondente a uma ramificação d'essa cultura remotissima, que, difundindo-se pelo Mediterraneo e costas do Atlantico, attingiu, na sua expansão, as frias paragens do norte da Europa occidental.

Attestada esta influencia e verificado este relacionamento, encontramos um modo de poder assinar com relativa precisão a alta antiguidade d'esta classe de monumentos prehistoricos.

E por isso parece-me, em harmonia com o que deixo exposto, que poderemos collocar a construcção do hypogeu da Pena entre os annos de 1450 a 1000 antes de Christo, não querendo introduzir neste calculo uma correccção baseada no tempo necessario para o alastramento gradual da influencia civilizadora através de tão extensos mares.

Acceitando, porém, uma correccção, como penso se deve acceitar, a antiguidade d'estes monumentos poderá orçar-se pelos seculos XIII a XI antes de Christo.

Ora até hoje lê-se em Perrot & Chipiez: «ainda se não encontrou tumulo de cupula que, por qualquer achado, se possa capitular de posterior ao periodo micenense».

Perguntarei eu agora e perguntará commigo V. Ex.^a: é licito a uma nação entregar ás mãos de vandalos ignaros ou aos estragos do

tempo um monumento d'esta categoria, embora incompleto, mas perfeitamente reconhecível e melhor conservado do que qualquer outro analogo? E unanime a resposta.

*

O valor ethnologico d'esta descoberta emerge naturalmente da mesma ordem de considerações.

É uma archaica civilização, anterior ao conhecimento do ferro, mas já possuidora da metallurgia do bronze, que da velha Grecia, se expande maravilhosamente de costa em costa, de ilha em ilha, até as collinas da peninsula iberica, e ainda alem, como já disse, trazida ha 3500 ou 3200 annos em galeões com velas de coiro, tripulados por afoitos marinheiros e commerciantes sagazes e de que surge agora, em Portugal, uma pagina dilacerada, uma palavra apenas, se quiserem, mas de pedra, depois de um somno de tantas dezenas de seculos, dormido occultamente debaixo de espesso manto de terra, que um archeologo emerito ergueu com plena consciencia do seu gesto.

Foi a luz de uma civilização oriental antiquissima, que veio espancar o nosso atraso de primitivos da epoca da pedra, trazendo-nos o uso dos metaes, a architectura mural e a construcção da cupula, em que iamos guardar piedosamente os despojos dos nossos mortos, com aquella veneração grandiosa de que através dos tempos se encontram tantas e tão constantes demonstrações.

Para a historia da nossa evolução, o monumento de Torres Vedras salvaguardado, é um documento que redivive debaixo da enxada da archeologia, majestoso e eloquente na sua brutalidade architectonica e nas reliquias do seu caracteristico recheio, quer de natureza anthropologica, quer de natureza ethnographica.

*

Vae longo, mais longo do que eu julgava, este escrito; mas elle é a expressão ainda assim concisa do muito que suggere um monumento da importancia e da ancianidade d'aquelle, que o concelho de Torres Vedras tem a fortuna de possuir.

E estas minhas desautorizadas mas sinceras considerações poderão, se tiverem a confirmação que eu aguardo, servir de provas para a petição que o Museu Ethnologico Português não deixará de dirigir ao Governo, na certeza de ser apoiado com os applausos de todos os homens que amam a nossa querida patria, as paginas da nossa historia e a instrucção dos nossos contemporaneos.

Por ultimo, não desejo que fique na sombra: em primeiro logar, o alto serviço prestado á archeologia nacional pelo descobridor do monumento, o Rev. Paulo Bovier Lapierre, esclarecido padre e homem de sciencia, o qual, embora estrangeiro e de passagem em Portugal, procedeu como se fosse nosso compatriota; entregando a uma instituição nacional a exploração do seu achado e acceitando a incumbencia de elaborar o concernente relatorio para ser publicado no orgão d'essa instituição; em segundo logar, o procedimento do dignissimo Administrador do concelho de Torres Vedras, o Ex.^{mo} Sr. Augusto Pinheiro da Silva, impedindo os estragos que sempre se succedem ás explorações archeologicas e são exercidas por gente rustica, dominada pela cubiça de algum thesouro occulto, procedimento para o qual todos os applausos são escassos louvores; em terceiro logar, o alvitre perfilhado pela esclarecida Camara Municipal de Torres Vedras, da presidencia de V. Ex.^a, porque deu ao país um nobilissimo e rarissimo exemplo de elevação intellectual e patriotica, pugnando quanto em suas forças e attribuições é permittido pela salvaguarda e defesa de um monumento rude de aspecto, mas notavelmente importante para a historia das origens das civilizações que se succederam neste palmo da Iberia, que havia de ser o nosso caro Portugal.

*

Ha mais tempo que eu quisera ter respondido ao honroso e penhorante officio de V. Ex.^a, mas a complexidade e urgencia das minhas funções no Museu Ethnologico e a carencia do pessoal de todo me tem até agora absorvido o tempo de maneira absolutamente irremediavel.—Deus guarde a V. Ex.^a—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente da Camara Municipal de Torres Vedras.—Belem, 21 de Junho de 1909.—O Official, servindo de Director, *Felix Alves Pereira*.

Entrementes, tendo regressado ao reino o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos e assumindo a direcção effectiva do Museu Ethnologico Português, o nosso bom Director, acompanhado do official, realiza a sua 1.^a visita ao monumento de Torres Vedras, visita que com generosas palavras vem descrita no *Diario de Noticias* de 7 de Julho pelo seu illustrado correspondente naquella villa, Sr. Antonio Augusto Cabral, e que foi agradecida nos seguintes termos:

VII.—Chegado a Lisboa, cumpre-me agradecer a V. Ex.^a e aos Ex.^{mos} Srs. Vereadores da Camara Municipal de Torres Vedras, as elevadas provas de consideração e deferencia de que tanto eu, como

o official d'este Museu, fomos alvos na nossa visita a essa villa para examinar o monumento do Monte da Pena. D'ellas conservarei sempre a mais grata e desvanecedora recordação.

Resta-me fazer votos por que a cruzada de V. Ex.^a tenha a solução que todos nós desejamos e será uma honra para essa nobre terra.— Belem em 7 de Julho de 1909.—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente da Camara Municipal de Torres Vedras.—*José Leite de Vasconcellos*.

VIII.—Dois motivos justificam o officio que tenho a honra de dirigir a V. Ex.^a Em primeiro lugar, o gentil e penhorante procedimento de V. Ex.^a no dia de hontem, 6 de Julho corrente, honrando-me com a sua presença á minha chegada a Torres Vedras em companhia do official d'este Museu, impõe-me o maior reconhecimento e inolvidavel gratidão para com V. Ex.^a

Em segundo lugar, a conservação do monumento de Santa Cruz¹, levada a effeito em proveito do Museu Ethnologico Português por V. Ex.^a, é um acto tão generoso e uma iniciativa tão captivante, que, se eu não tivesse o esclarecido criterio de V. Ex.^a, por motivo de outros actos anteriores, na mais alta cotação, elle só por si bastaria para tornar V. Ex.^a credor dos mais levantados encomios, quer da parte do signatario d'este officio, quer da parte de todas as pessoas para quem a menor perda de um monumento archeologico é uma affronta á patria e á civilização.—Belem 7 de Julho de 1909.—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Administrador do Concelho de Torres Vedras.—*José Leite de Vasconcellos*.

O resultado official d'esta excursão foram os officios seguintes, dirigidos ao Sr. conselheiro Director Geral do Ministerio das Obras Publicas, Severiano Augusto Monteiro:

IX.—Tendo tido occasião de visitar no Monte da Pena, concelho de Torres Vedras, o monumento prehistorico de que a imprensa se tem occupado e nomeadamente o *Diario de Noticias* em os seus n.^{os} de 13, 14, 26 e 27 de Maio, 13 de Junho, 6 e 7 de Julho, e havendo-me informado das circumstancias do seu descobrimento, conservação e exploração, venho propor a V. Ex.^a que o seu descobridor, o Rev.^{do} P.^o Paulo Bovier Lapierre, subdito francês, tenha dos poderes publicos o merecido louvor pelo seu procedimento cavalheireso e desinteressado.

¹ Refiro-me a uma pedra tumular da epoca de Augusto, de que me occupo neste mesmo fasciculo.

Aquelle illustre sacerdote, que se achava no collegio do Barro, perto de Torres Vedras, por motivo de saude, é professor de bacteriologia na faculdade de medicina de Beiruth (Siria) e ao mesmo tempo distincto archeologo, tendo descoberto o referido monumento e suspeitando, por acertadas sondagens, da importancia d'elle, apressou-se a notificar-me o facto para eu prover acêrca da exploração em proveito do Estado. Assim se procedeu, organizando o Museu Ethnologico Português a exploração methodica do monumento, á qual assistiu o Rev.^{do} P.^e Lapierre, e revertendo para o mesmo estabelecimento todo o espolio archeologico e anthropologico. Este ultimo tem merecido ao illustre sacerdote um cuidado especial, que denuncia singular aptidão em ajustar partes dispersas dos craneos e revela em Sua Reverencia entranhada dedicação scientifica e elevado criterio.

Da visita que fiz ao monumento e das informações já anteriormente obtidas conclui o singularissimo valor d'esta grande construcção prehistorica para o estudo da paleoethnologia portuguesa, e portanto o alto serviço prestado, com raro desinteresse, á sciencia portuguesa pelo mesmo Rev.^{do} P.^e Lapierre.—Belem, em 13 de Julho de 1909.—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Director Geral de Obras Publicas e Minas.—*José Leite de Vasconcellos.*

X.—No Monte da Pena, concelho de Torres Vedras, acaba o Museu Ethnologico Português de explorar um monumento prehistorico de singular valor e importancia para o estudo da paleoethnologia portuguesa. A sua grandissima antiguidade, as suas consideraveis dimensões, o seu estado de conservação, a sua fôrma que o põe em relação com a arcaica civilização da Argolida e de Creta, tornam-no digno de ser salvaguardado de maneira efficaz e segura, para que em todo o tempo possa ser estudado e admirado como um dos mais notaveis vestigios das eras prehistoricas em Portugal. Se fosse possivel transportá-lo a um musen, era ahi o seu logar, embora perdesse pela deslocação todo o valor que depende das suas condições de exposição e local.

Conservado porém no proprio logar em que foi construido, a sua significação ethnographica adquire grande importancia, pois que, achando-se situado num elevado cabeço, onde parece haver outros restos da presença do homem, relaciona-se com os costumes religiosos de eras prehistoricas, relativas á crença e ao culto dos mortos, que são os factos da vida antiga que mais fecundos em resultados tem sido em sciencia archeologica para o estudo de todo o passado, especialmente d'aquelle de que não existem documentos escritos.

A Camara Municipal de Torres Vedras, corporação digna de todo o elogio pelo empenho que tem tomado na salvaguarda do monumento e que fica sendo um exemplo eloquente para as outras camaras do país a respeito de seus monumentos, convencida da importancia d'aquella antiguidade, resolveu agenciar a cedencia do terreno em que ella está situada com o fim de a entregar á salvaguarda do Estado. Tendo eu feito, como Director do Museu Ethnologico Português, uma inspecção attenta do referido monumento e persuadido de que, devidamente salvaguardado, elle é ao presente um dos mais notaveis do país no seu genero e portanto de que elle é tambem um facto inigualavel de instrucção e civilização, porque testemunhará o respeito que se deve consagrar aos restos da antiguidade, venho propor a V. Ex.^a que, por conta do Estado, se estabeleça em volta do monumento prehistorico do Monte da Pena uma vedação que permita aos visitantes a inspecção do interior pelo menos nos pontos principaes que são os quatro rumos cardinaes, e que á Camara Municipal de Torres Vedras, que, parallelamente com o illustre Administrador do Concelho, Sr. Augusto Pinheiro da Silva, tem contribuido pela sua intervenção official e officiosa para o respeito por parte dos visitantes do monumento ainda inteiramente exposto ao vandalismo da gente rude, se entreguem os cuidados da sua conservação e fiscalização, pois ella assim o julga conveniente.—Belem, em 13 de Julho de 1909.—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Director Geral de Obras Publicas e Minas.—*José Leite de Vasconcellos.*

Por effeito do 1.^o officio recebeu o Director do Museu Ethnologico Português o officio e portaria que seguem:

XI.—Do Ministerio das Obras Publicas—Direcção Geral de Obras Publicas e Minas.—Tendo S. Ex.^a o Ministro e Secretario do Estado dos Negocios das Obras Publicas, Commercio e Industria, tomado conhecimento do officio n.^o 755, de 15 de Julho findo, em que V. Ex.^a menciona os serviços prestados ao estudo da archeologia portuguesa pela descoberta de uma grande construcção prehistorica no Monte da Pena, em Torres Vedras, pelo Rev.^{do} P.^e Paulo Bovier Lapierre, distincto professor de bacteriologia e archeologo francês, cumpre-me communicar-lhe que S. Ex.^a o Ministro encarrega a V. Ex.^a de, em seu nome, louvar aquelle distincto archeologo, felicitando-o por tão natural descoberta e de transmittir-lhe os seus agradecimentos pelo interesse scientifico manifestado em proveito do Museu Ethnologico Português.—Direcção Geral de Obras Publicas e Minas, em 19 de Agosto de 1909—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Director do Museu Ethnologico Português.—*A. A. Severiano Monteiro.*

XII.—Da Secretaria de Estado dos Negocios das Obras Publicas—Direcção Geral de Obras Publicas e Minas.—Tendo chegado ao conhecimento de Sua Majestade El-Rei que o Rev.^{do} Paulo Bovier Lapierre, distincto professor de bacteriologia da faculdade de medicina de Beiruth (Siria) e sabio archeologo, descobriu e explorou, com desinteresse scientifico digno de registo, o monumento prehistorico do Monte da Pena, no concelho de Torres Vedras, concorrendo assim para o conhecimento da archeologia portuguesa, ha por bem o mesmo Augusto Senhor ordenar que, em seu Real nome seja louvado o dito Rev.^{do} Paulo Bovier Lapierre, pelos valiosos serviços com que, pela maneira indicada, concorreu para o conhecimento da prehistoria do pais.

Paço, em 20 de Agosto de 1909.—Antonio Alfredo Barjona de Freitas.

Para o Rev.^{do} Paulo Bovier Lapierre.

Como resposta ao 2.^o foi enviado o immediato documento:

XIII.—Ministerio das Obras Publicas—Direcção Geral de Obras Publicas e Minas.—Em referencia ao seu officio n.^o 756 de 15 de Julho ultimo, participo a V. Ex.^a, para seu conhecimento, que S. Ex.^a o Ministro, por despacho de 31 d'aquelle mês, ordenou a construcção da vedação em volta do monumento prehistorico do Monte da Pena, concelho de Torres Vedras.—Direcção Geral de Obras Publicas e Minas, em 4 de Agosto de 1909.—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Director do Museu Ethnologico Português.—A. A. Severiano Monteiro.

Aqui tem os leitores d'*O Archeologo Português* a compilação dos documentos officiaes que precederam e prepararam a vedação do monumento do Monte da Pena. Oxalá em breve eu possa annunciar que esta cruzada teve o termo que a sciencia e o patriotismo aconselham.

Outubro de 1909.

F. ALVES PEREIRA.

Onomastico medieval português

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, xiv, 217)

Roivaes e Ruvaes, geogr., 1220. Inq. 154, 1.^a cl.

Roiz, app. h. *Canc. da Vat.*, n.^o 907.

Rolaes, geogr., 1258. Inq. 316, 2.^a cl.

Rolam, app. h., 1220. Inq. 196, 1.^a cl.—Id. 245 e 374.

Roldam, geogr. *Canc. da Vat.*, n.^o 1066.